

## *Cinco Figuras do Diálogo Luso-Chinês em Macau\**

*António Aresta\*\**

À memória de  
Monsenhor Manuel Teixeira,  
Historiador de Macau,  
no Centenário do seu  
nascimento, 1912-2012

O conjunto de cinco personalidades que ora apresentamos — Francisco Rondina, José Gomes da Silva, José da Costa Nunes, José Maria Braga e José dos Santos Ferreira — deixaram marcas indeléveis na configuração de Macau enquanto sociedade verdadeiramente multicultural servida por uma pluralidade de valores e de identidades.

Eram símbolos da alta qualidade intelectual, moral e científica da elite portuguesa expatriada, beneficiando, igualmente, da fecunda espiritualidade oriunda da cultura chinesa. Os estrangeiros e os portugueses macaenses enquadravam-se nesse mesmo espírito edificante e gerador de relacionamentos estratégicos e duradouros.

Nas áreas específicas onde trabalharam uma vida inteira (na educação, na reflexão filosófica, na missão, na investigação médica, na poesia, na botânica, na história de Macau, na linguística, na história da China, ocasionalmente na política e na administração pública) ajudaram a modelar a fisionomia social, espiritual e cultural de Macau, praticando um *modus cogitandi*, tão característico dos valores da latinidade.

---

\* Neste artigo são apresentadas panoramicamente a vida e a obra de cinco personalidades (Francisco Rondina, José Gomes da Silva, José da Costa Nunes, José Maria Braga e José dos Santos Ferreira) que tiveram um papel determinante em Macau, nos séculos XIX e XX, na investigação médica, na filosofia e na educação, na religião e na poesia ou na história de Macau e da China. A faceta multicultural e cosmopolita de Macau ficou tributária destas individualidades cujo legado cultural, científico e cívico nos compete honrar e divulgar

\*\* Professor e Investigador. Autor de diversas obras sobre a história de Macau.

No limite, estavam a convocar Portugal e a China a exercerem uma razão dialogante que problematizasse as diferenças vitais e estruturais trazidas para Macau pelo tempo e pela história. E cada qual à sua maneira trilhou esse caminho de diálogo e de entendimento.

## I. Francisco Rondina

Francisco Saverio Rondina (1827-1897), missionário jesuíta italiano do Real Padroado Português do Oriente, prestou assinaláveis serviços à cultura portuguesa, à educação e ao ensino da filosofia em Macau.

Permaneceu cerca de dois anos em Portugal, como professor de filosofia no Colégio de Campolide. Foi o introdutor do neotomismo em Portugal, antecipando-se ao amanhecer oficial dessa corrente filosófica que se dá em 1879, com a publicação da Encíclica *Aeterni Patris Unigenitus* do Papa Leão XIII.

Parte para Macau, em Janeiro de 1862, para dirigir o Seminário de S. José que se encontrava envolvido numa decadência atroz, com falta de alunos e de vocações. Chega ao Território no fim do mês de Março do mesmo ano. Era um ano especial, porquanto era o regresso dos jesuítas a Macau, cem anos após a expulsão decretada pelo Marquês de Pombal. A lei é de 1759, mas foi executada em Macau apenas em 1762. Em Portugal, sobe ao trono o Rei D. Luiz.

Francisco Rondina recordará mais tarde essa inolvidável viagem para Macau no livro *Viaggio Nell'India e Nella Cina: Flora, Fauna, Costumi e Aventure* (1884), cujo volume segundo descreve o trajecto ; Da Canton a Macao;”. Há aqui um enorme manancial de informações curiosas, interessantes e perspicazes que ainda não foram devidamente estudadas e enquadradas no orientalismo português. O exemplar que existe no fundo antigo da biblioteca do ex-Leal Senado tem um carimbo a dizer que foi ; Oferecido pela Família Nolasco;”, muito embora o seu proprietário original tenha assinado o seu nome na folha de rosto, ; Manuel J. da Silva, Macau, 16 de Janeiro de 1885;”.

Monsenhor Manuel Teixeira recorda que os professores do Seminário, Francisco Rondina (retórica, filosofia racional e moral, teologia dogmática), José Matos (francês, português, literatura), Faria (gramática portuguesa e latina), José Marques (chinês), António Lopes (latim e português) e Tomás Cahil (inglês), formavam uma pequena elite pelo que

o estabelecimento de ensino readquiriu o seu antigo prestígio e, escassos anos volvidos, já possuía cerca de quatrocentos alunos.

Um desses alunos chamava-se Manuel Gomes da Costa, mais tarde general e marechal, o mesmo que comandou a revolução de 28 de Maio de 1926, que marcou o fim da anarquia e da turbulência do regime republicano.

Francisco Rondina era um erudito que colocou o seu saber e a sua cultura ao serviço da comunidade. Admirador confesso de Luís de Camões, do padre António Vieira, de Mendes Leal, Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho, Latino Coelho, entre outros, Francisco Rondina publicou as obras seguintes: *A Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo Reivindicada contra Ernesto Renan*, 1864; *Exame do Relatório sobre o Seminário de S. José*, 1868; *Algumas palavras dirigidas aos Romeiros do ano de 1860 sobre o antigo sepulcro de S. Francisco Xavier na Ilha de Sanchoão*, 1869; *Pio XI perante a Revolução*, 1871; *A Educação*, 1887; *Filosofia Natural e Racional*, 1888. Existem outros títulos publicados na sua língua materna, o italiano.

Como Professor de Filosofia, a sua obra foi notável. A começar pela edição do *Compêndio de Philosophia Theorica e Practica Para Uso da Mocidade Portuguesa na China*, impresso na Typographia do Seminário de S. José em Macau, que era muito mais do que um simples manual escolar. O primeiro volume sairia em 1869 e o segundo em 1870. O índice das matérias é o seguinte: lógica; lógica menor ou dialéctica; lógica maior ou crítica; metafísica geral ou ontologia; metafísica especial; cosmologia; psicologia; teologia natural ou teodiceia; filosofia moral ou ética; filosofia social; filosofia da religião.

O redactor do jornal *O Echo Macaense*, na edição de 30 Maio de 1897, esclarece que esta obra foi feita ; a expensas do falecido pai do nosso amigo, Sr. Pedro Nolasco da Silva;”. Há uma mão invisível por detrás de tudo isto.

O seu propósito era muito ambicioso, favorecer o surgimento do *homo philosophicus*, ; era nosso desejo introduzir aqui um curso trienal de filosofia, no qual o primeiro ano fosse consagrado à lógica e à metafísica; o segundo à ética e ao direito natural; o terceiro aos sistemas filosóficos ou à filosofia da religião;”. Esse propósito não foi viabilizado porque Macau era ; um país dedicado ao comércio, distante do centro da civilização e destituído de bibliotecas;”.

Era importante rasgar novos horizontes problematizadores pelo que encarou esse desiderato com um sentido pedagógico de missão: ; escrevendo nós este compêndio para a mocidade portuguesa de Macau e dos mais portos da China, em que não há aula de ensino superior, era para nós uma necessidade incluir nele os elementos de outras ciências que aqui não se ensinam, e que longe de serem estranhas à filosofia, formam pelo contrário parte da mesma, como são a jurisprudência, a economia política e a religião considerada debaixo do aspecto filosófico;”.

O tomismo estava presente na concepção da obra, ; as doutrinas contidas neste compêndio tem por base a filosofia de S.Tomás, exposta na sua ‘Summa Theologica e Philosophica’, e reduzida a método por dois eminentes filósofos, Goudin e Liberatore;”, isto porque ; a moderna filosofia, desviada do ramo que o cristianismo lhe trilhara, se foi encostando, ora ao materialismo que embrutece o homem, ora ao racionalismo que o diviniza, flutuando incerta entre estes dois sistemas fatais;”.

Assim sendo,; este regresso da filosofia aos bons princípios, abandonados numa época de alucinação e de desvario, constitui o verdadeiro progresso da ciência racional, que honra a época actual, e que promete um futuro melhor para a sociedade;”.

O redactor de *O Echo Macaense* registou este impressionante apelo de Francisco Rondina aos seus alunos: ; meus queridos meninos — dizia ele no meio das prelecções de filosofia e da arte oratória e poética — ficarei muito contristado quando souber que os meus discípulos depois de completado o curso de filosofia natural e racional foram engraxar as botas aos ingleses, ocupando o lugar de simples amanuenses. Dedicai-vos às ciências e artes liberais e não ao serviço mecânico. Sede advogados, médicos, engenheiros, negociantes, mas não vos deixeis estiolar o corpo e o espírito num escritório de copistas;”.

Macau necessitava de homens desta têmpera, visionários e indutores de uma atmosfera cultural bem acima da mediania.

Contudo, os problemas surgiram de onde menos se esperava. No *Exame do Relatório sobre o Seminário de S.José* faz a dissecação de uma campanha contra os jesuítas, liderada pelo padre António Carvalho, entrando em pormenores tais que se vê obrigado a dizer, ; perdoe-nos o leitor se descemos tão baixo a miudezas e frioleiras que nos repugnam ;”. Como é de costume dizer-se, fizeram dos periódicos locais uma barreira da

roupa suja de animadversões e desinteligências que, em função da conjuntura, seria piedoso e útil tratar a bom recato.

Para além destes problemas intestinos no seio de uma instituição que tardava em serenar-se, Francisco Rondina tinha tido a ousadia de tocar num assunto que oficialmente não existia enquanto problema humano, jurídico e ético, a emigração dos cules, isto é, o tráfico e a escravatura dos cules, cujos fluxos migratórios para o Perú e para Cuba passavam pelo porto de Macau. Era uma questão tão rendosa quanto intocável.

Como é que o doutrinador da filosofia neotomista e dos valores humanistas e cristãos, poderia ficar silencioso e omissos, compactuando com tamanha ignonímia ?

Este protagonismo levantou enormes problemas e mal-querenças. Francisco Rondina tornou-se uma incomodidade para o 'status quo' dominante. Como não podia ser demitido, nem expulso de Macau, foi necessário recorrer a outro estratagema, porventura extraído dos ensinamentos de Maquiavel.

De Lisboa veio, em 1871, uma portaria, claramente *ad hominem*, que estabelecia que os Professores do Seminário teriam de ser obrigatoriamente de nacionalidade portuguesa. Aqueles que não cumprissem esse requisito, teriam de abandonar o Território. Estava encontrada a solução ;

As forças vivas da cidade encabeçadas pelo Presidente do Leal Senado, Lourenço Marques, telegrafaram ao Ministro da Marinha e Ultramar, tentando anular essa providência legislativa. Nem resposta obtiveram. Apresentaram uma petição ao Governador, com mais de oitocentas assinaturas. Ganharam mais algum tempo, mas a ordem manteve-se. O Bispo de Macau resignou ao seu cargo por não ter sido tido nem achado sobre o estatuto do Seminário e de seus Professores.

De Lisboa, o inconfundível Eça de Queirós espeta estas fulgurantes *Farpas*, em Julho de 1871, depois acondicionadas em *Uma Campanha Alegre*: ; Houve este mês um pânico patriótico: julgou-se que íamos perder Macau ! A China, segundo se afirmava, tinha intimado Portugal a evacuar aquela colónia, onde só devia reinar o rabicho ! Foi acusado acrememente o Governo; a Baixa pululou de alvitres; e o orgulho nacional da Rua dos Retroseiros pareceu profundamente ferido. Corria que o senhor Carlos Bento, como outrora Caim, ouvia, a horas mortas, vozes vingativas que lhe bradavam: - que fizeste tu de Macau, Bento? E tanto que o

Governo, para nos tranquilizar, bradou de entre as colunas do ‘Diário do Governo’: - Não, Portugueses, não, Macau ainda é vosso !;”.

Outra acha para a fogueira foi lançada por Leôncio Ferreira que publica em 1872, *Um Brado pela Verdade ou a Questão dos Professores Jesuítas em Macau e a Instrução dos Macaenses*. Toma a defesa de Rondina e de seus pares, dizendo: ;é necessária a união para promover uma educação e instrução apropriadas para os filhos da terra;”. Palavras lúcidas e verdadeiras.

Em Xangai, E.Couto dá à estampa, em 1873, *A Verdade Reivindicada em a Questão dos Jesuítas*, uma prova de que esta problemática extravasou Macau.

A injustiça consumou-se e Francisco Rondina e os outros missionários estrangeiros foram obrigados a sair de Macau. Rumaram ao Brasil, fixando-se, mais tarde, em Itália. Aqui, nas páginas de *La Civiltá Cattolica*, continuará a escrever sobre Macau, sobre a China e sobre Portugal.

É surpreendente constatar que esta apaixonante e misteriosa personagem não tenha suscitado um estudo sobre a sua vida, a sua obra e o seu pensamento.

## II. José Gomes da Silva

O Coronel José Gomes da Silva (1853-1905) foi o primeiro Reitor do Liceu de Macau, corria o ano de 1894. Atrás de si estava uma carreira militar prestigiada, com uma comissão de serviço de uma vida no extremo oriente, repartida por Macau e por Timor, e com uma notável actividade como investigador-médico, botânico e jornalista.

Natural da cidade do Porto, formou-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, enveredando depois pela carreira militar. Em 1881 é colocado como Facultativo de 2.<sup>a</sup> classe do Quadro dos Serviços de Saúde de Macau e Timor.

Nesse ano e meio que estancia em Timor, faz este registo: ; A vida social em Dili, tão semelhante à das pequenas terras do continente é um dos elementos mais favoráveis ao descrédito do clima. Nem uma biblioteca, nem um grémio, nem um teatro, nem um centro de reunião, nem um bilhar, nem uma orquestra, nem um meio qualquer de distracção do

espírito;”. Convenhamos que a vida não estaria fácil para um português que o Império obrigou a ser cosmopolita.

Em 1884, por incumbência do Governador de Macau, Tomás Sousa Rosa, preside à Comissão Administrativa que gere a Câmara Municipal de Dili. Breve Publica dois estudos muito interessantes, *Breve Notícia sobre as Caldas de Bemanas em Viqueque*(1889) e o *Catálogo das Plantas de Macau e Timor*(1887), tendo remetido um Herbário ao Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e outro à Sociedade Broteriana da mesma cidade.

Sobre a realidade timorense, há a destacar o *Relatório sobre os Serviços de Saúde de Macau e Timor* (1887), um *Relatório sobre as Necessidades do Serviço de Saúde em Timor*(1889), e *Em Timor* (1892).

Em 1888 secretariou a Missão Diplomática ao Sião (Tailândia), e daí ter surgido, em 1889, o livro *Viagem a Siam*.

Vamos encontrá-lo, em 1892, na Comissão Organizadora da Exposição Colonial que se realizou no Palácio de Cristal, no Porto, presidindo à secção histórico-cultural de Macau e de Timor.

Uma sentida reivindicação dos portugueses de Macau era a criação de um Liceu Nacional. Uma notícia inserta no jornal *O Oriente Português*, de 5 de Setembro de 1893, é bem eloquente: «a criação do Liceu de Macau veio ao encontro da maior aspiração dos chefes de família e dos jovens que residem em Macau;».

O Governador de Macau, José Horta e Costa, nomeou o Dr. José Gomes da Silva para exercer a função de Reitor do Liceu de Macau, em 24 de Março de 1894, em virtude do seu prestígio intelectual e, ainda, porque nessa fase delicada de instalação e organização era necessário uma pessoa empreendedora e dinâmica para liderar o processo. Recorde-se que o Dr. José Gomes da Silva era o Chefe dos Serviços de Saúde, sendo, posteriormente, também Professor de Física, de Química e de História Natural no Liceu. Os Professores percebiam o vencimento de 800\$000 reis, tendo o Reitor uma gratificação de 60\$000 reis.

Encontrado o edifício para o Liceu, o velho e desactivado Convento de Santo Agostinho (que acabou por ruir, sem causar danos pessoais), havia que prover o corpo docente, um concurso documental a cargo da Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha e Ultramar. Os nomes mais

sonantes dos Professores que iam abrir o ano lectivo eram, sem dúvida, o de Camilo Pessanha (Filosofia) e o de Wenceslau de Moraes (Matemática), muito embora outros como Mateus Lima, Abreu Nunes, Ribeiro Cabral, Pereira Vasco ou Baltasar Faleiro se tenham revelado mestres competentes e dedicados. Em 16 de Agosto é publicado o Regulamento do Liceu, sendo os exames de admissão efectuados a 10 e 11 de Setembro. A 28 de Setembro faz-se a inauguração, em sessão solene com alguma descrição, devido ao luto da Família Real.

O ano lectivo arranca com 57 alunos e, como muito bem se calcula, não foram bem pequenos os trabalhos do Dr. José Gomes da Silva, quer em termos organizacionais, quer na gestão de uma boa vontade política patrocinadora da continuidade e estabilidade do estabelecimento de ensino.

Bem vistas as coisas, não terá sido por acaso que o Dr. José Gomes da Silva tenha exercido o cargo de Reitor por três vezes (1894-1898, 1898-1899, 1900-1903).

Continua a publicar estudos científicos [*Relatório da Epidemia da Cólera-Morbus a bordo do Transporte Índia e nos Lazaretos de Macau* (1885); *Rapport sur les essais du sérum Versin dans le traitement de la peste bubonique* (1897); *Rapport sur la peste bubonique a Macao et Lapa* (1897)], de sociologia dos costumes [*A República de Macau: história amena, redigida por um dos fundadores com a colaboração de muitos efectivos e adidos* (1896) — esta obra foi reeditada em 1994], de índole pedagógica [*Noções de Higiene e Medicina Prática para uso dos Alunos do Seminário Diocesano de Macau* (1899)], para além da colaboração que generosamente espalhava na imprensa. Alguns estudos publicados no *Boletim Oficial* bem mereciam ser resgatados do esquecimento, porque são fontes importantes para a História de Macau e para a História de Timor.

Integrou a Comissão Executiva da Celebração em Macau do IV Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo da Índia, em 1898, a Comissão de Macau para a Exposição Universal de Paris, em 1900. No Hospital Militar criou um Museu de História Natural, que seria transferido em 1906 para as instalações do Liceu.

Polemizou rijamente com o médico Ricardo Jorge por causa das medidas profilácticas para erradicar a peste.

Entre as suas condecorações destacam-se a Medalha de Ouro de Serviços no Ultramar, a Ordem de S. Tiago de Espada, a Ordem Militar da Torre e Espada, a Ordem Militar de S. Bento de Aviz e numerosíssimos louvores.

Sendo um homem do Norte de Portugal, não dispensava o vinho tinto que fazia importar directamente da sua propriedade no Baixo-Douro para Macau.

Faleceu em Macau, no dia 1 de Novembro de 1905, com a patente de coronel-médico, na sua residência ‘Vila Branca’.

O Conselho Escolar do Liceu de Macau, aquando do seu falecimento, presidido pelo Dr. Manuel da Silva Mendes, exarou em Acta o notabilíssimo contributo do primeiro Reitor para a consolidação e prestígio do Liceu, ao qual também legou a sua biblioteca particular, onde predominavam obras de medicina e de botânica. O fundo antigo da biblioteca histórica do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (Leal Senado) era a Biblioteca do Liceu de Macau e a maioria das obras de medicina aí depositadas pertenceram ao Dr. José Gomes da Silva.

Numa das suas *Cartas do Japão*, escreveu Wenceslau de Moraes, também ele antigo Professor no Liceu.: ‘Por último, uma palavra de saudade pelo Dr. José Gomes da Silva, meu confrade neste Extremo-Oriente, como correspondente que era do ‘Comércio do Porto’, e cuja morte me acabam de anunciar em cartas. Todo nervos, todo sentimentalidades e irritabilidades, o Dr. Gomes da Silva, que fez toda a sua carreira em Macau, não escapou, claro está, à crítica azeda da colónia, que é forte neste género de energias negativas. Hoje, porém, que uma campa pousa sobre o seu corpo inerte, a colónia inteira e todos os que conheceram este grande lutador, devem sentir verdadeira mágoa pela perda do delicado intelectual, do brilhante escritor, do incansável e obsequioso funcionário, que era a chefe dos serviços de saúde de Macau, e, certamente, um dos seus mais distintos residentes europeus, durante estes últimos vinte anos’.

Em 1917 o Governo de Macau adquiriu a vivenda ‘Vila Branca’, transformando-a no ‘Pavilhão Dr. Gomes da Silva’, destinado ao isolamento de doentes com varíola.

O seu nome está na toponímia local e durante muitos anos foi o Patrono da Escola Preparatória, entretanto extinta, do sistema de ensino português de Macau.

### III. José da Costa Nunes

José da Costa Nunes (1880-1976), açoriano de Candelária do Pico, foi um dos mais ilustres portugueses que jornadearam e trabalharam no Oriente e no Extremo Oriente.

Veio para o Território em 1902, ainda estudante finalista do Seminário de Angra, na qualidade de Secretário do recém-nomeado Bispo de Macau, D. João Paulino de Azevedo e Castro, ele próprio açoriano. Ordenado sacerdote em 1903, logo integra como missionário o Padroado Português do Oriente.

É Professor no Seminário de S. José e no Liceu de Macau. Muito mais tarde recordará que do ; Seminário de S. José saíram gerações de sacerdotes que tanto se distinguiram pelas suas virtudes e pelos serviços prestados à Igreja. Mais. Foi o Seminário-Colégio de S. José que deu a Macau, a Hong Kong, a Xangai, a Cantão e a vários portos da China, abertos ao comércio estrangeiro, levas de Macaenses que, pela sua boa preparação comercial, os seus conhecimentos e os seus arraigados sentimentos religiosos, grande lustre deram à Casa que os educou ;". Este reconhecimento é justo e não deve ser esquecido.

Um antigo aluno do Liceu, Joaquim Paço d'Arcos, lembra o padre Costa Nunes então Professor de Português, nas *Memórias da Minha Vida e do Meu Tempo*, como um ; homem de alto nível intelectual e moral ;", dotado de uma ; voz quente e persuasiva; era muito claro e lúcido na exposição; ensinava com bondade e grande interesse. Seria ele quem, primeiro de todos, notaria nos meus exercícios de redacção a facilidade e jeito da minha escrita e me traçaria, com segurança profética, o destino de escritor ;".

Em 1911 foi incumbido de visitar as Missões dos Estreitos, Malaca e Singapura, e a de Timor. Eram tempos conturbados porque o regime republicano mostrou-se assaz intolerante em relação à Igreja. Em Macau, essa radicalização ideológica era sobretudo protagonizada pelos marinheiros que vinham nos navios da marinha de guerra portuguesas. Eram conflitos de torna viagem. José da Costa Nunes impediu, por uma vez, sozinho, a invasão do Paço Episcopal, num lance de temeridade e de valentia.

Fundou a *Revista Oriente*, em 1915, uma publicação efémera que terminou ao fim de uma dúzia de números, sendo Manuel da Silva Men-

des um dos colaboradores principais, assinando artigos sobre a estética chinesa.

Após o falecimento de D. João Paulino de Azevedo e Castro é nomeado Bispo de Macau e Timor (1920-1940).

Faz uma visita pastoral a Timor em 1937 e reporta ao Ministro das Colónias a sua visão cristã e humanista sobre a missão educativa portuguesa: «eu entendo que toda a nossa actividade colonizadora e educativa deve reverter em benefício directo do indígena e não em benefício do branco». Continua a desenvolver a ideia: conheço colónias, que se dizem muito desenvolvidas, muito progressivas, muito ricas. São-no, de facto. Mas as riquezas estão nas mãos dalguns europeus, ao passo que a população nativa vegeta no mesmo desconforto e ignorância dos tempos primitivos. Isto não é colonizar; é explorar. E mal vai às nações coloniais, que marcham num tal caminho, numa época, como a que estamos vivendo hoje». Via na educação um verdadeiro motor do desenvolvimento da sociedade: «as nossas escolas, em número de 46, são frequentadas por 2424 alunos e tendem a desenvolver-se num ritmo que poderia classificar-se de acelerado, caso dispuséssemos de mais pessoal ensinante e mais meios pecuniários».

O Padre Manuel Teixeira publicará um número especial do *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, N.º 406, de Janeiro de 1938, do qual era director e editor, dedicado a essa visita pastoral a Timor. É um impressionante testemunho de tudo quanto se fez, incluindo um precioso registo fotográfico. Uma parte significativa de toda essa obra será destruída pelos japoneses na segunda guerra mundial, quando invadiram Timor.

As preocupações com a educação e com as escolas acompanham-no sempre. Basta mencionar que quando saiu da Diocese de Macau, em 1940, o número de escolas era de 96 (em 1920 existiam 47) e os professores eram 331 (em 1920 eram apenas 124).

A sua carreira eclesiástica será invulgarmente vertiginosa porque D. José da Costa Nunes foi de facto um homem de raras qualidades humanas, pastorais, intelectuais e cívicas.

É nomeado Arcebispo Metropolitano de Goa e Damão (1940-1953), Primaz do Oriente e Patriarca das Índias Orientais (1940) e Arcebispo titular de Cranganor (1940). Foi para Roma com o título de Arcebispo titular de Odessa e Vice-Camerlengo da Santa Sé. O Papa João XXIII fê-lo Cardeal em 1962.

Todos estes cargos, adornados de pompa e brilho é certo, pouco mexeram com a sua maneira de ser, com o seu patriotismo e com a fraternidade cristã de que deu sobejas provas ao longo da sua vida. Dizia que se quisermos ser grandes, façamo-nos pequenos, confessemos a nossa total dependência do poder absoluto de Deus e reconheçamos que, sem Ele, nada somos, nada podemos e nada conseguimos ;”.

Em 1964 é-lhe atribuída a distinção de Cidadão Benemérito de Macau, por iniciativa do Leal Senado de Macau. Recebeu a Grã-Cruz do Império Colonial em 1946 e a Grã-Cruz da Ordem de Cristo em 1953.

A pensar na cisão violenta mas inexorável do Império, que começou exactamente na Índia, dirigiu uma mensagem, em 1967, aos portugueses de Goa, Damão e Diu, incutindo-lhes uma dose suplementar de patriotismo e assegurando que a espiritualidade cristã e as raízes telúricas estão sempre onde há portugueses: ; quem viaja pelo Oriente tropeça a cada passo com recordações do Velho Portugal, na sua maioria marcadas de cunho religioso. Se as fortalezas de Goa, Damão, Diu, Malaca, Japara, Macáçar e tantas outras falam da heroicidade da gente lusa, mais falam do nosso espírito cristão as igrejas que por lá erguemos; mais acentuam a nota religiosa os descendentes das numerosas cristandades que semeamos pela Índia e Ceilão, pela Birmânia e a Malásia, pela Tailândia e o Camboja, a China e o Japão, as Celebes e as Molucas, as incontáveis ilhas da Pequena Sonda e outras terras da chamada Índia Meridional ;”.

É o patrono do ; Jardim Infantil D. José da Costa Nunes ;”, desde 1945, em Macau e nos Açores, na Ilha do Pico, da Escola Básica e Secundária da Madalena. Em vida, já tinha doado a sua casa de família, na Candelária, para nela ser instalada uma Escola Infantil e uma obra de assistência.

Esquecida tinha ficado a sua obra doutrinária, a obra ética e moral, a obra pastoral, histórica e apostólica, avultando entre elas as *Cartas aos Sacerdotes da Arquidiocese de Goa*, publicadas em 1947. D. José da Costa Nunes foi um prosador de fôlego, um pedagogo esclarecido e um pensador da existência e da acção humana.

A sabedoria adquirida ao longo da sua mundivivência intercontinental pode ser uma fonte de estudo e de ensinamentos e também uma fonte de inspiração para uma moral kantiana do dever.

Surge a figura providencial do Padre Tomás Bettencourt Cardoso, que se ocupa da edição dos Textos do Cardeal Costa Nunes, isto é, da *Obra Completa*, que se alargou em 17 volumes, a saber: *Estudante/Jornalista; Escritos; Cartas da China; Documentos Oficiais; Pastorais; Conferências; Viagens; Crónicas; Entre Chineses e Entre Malaios; Cartas ao Padre Ernesto Ferreira; Documentação Oficial; Magistério do Patriarca; Cartas aos Sacerdotes da Arquidiocese de Goa; Cartas aos Jovens Goeses; Cartas aos Católicos de Goa; Cartas de Roma; Últimos Escritos*. Faltou apenas uma Fotobiografia. A benemérita Fundação Macau foi a editora deste grande empreendimento cultural.

O Padre Tomás Cardoso idealizou o projecto dos Missionários Açorianos em Macau, ; cozinhado nos começos de 1994 e submetido, oportunamente, aos Bispos de Macau e de Angra, ao Governador de Macau, ao Secretário-Adjunto para a Administração, Educação e Juventude e ao Presidente da Fundação Macau — não teríamos ficado tão longo tempo no Oriente, onde chegamos a 30 de Dezembro de 1989, sem nunca ter deixado de dar o nosso possível contributo pastoral à Igreja, nesta Diocese, em especial, ao serviço dos Portugueses na Taipa e Coloane ;”.

Ao seu labor devemos as reedições ou edições facsimiladas das obras de D. João Paulino de Azevedo e Castro, Padre José Maria Fernandes, D. José Alvernaz, D. Jaime Goulart e D. Arquimínio Rodrigues da Costa.

Jorge Rangel publicou um importante estudo, *D. José da Costa Nunes, Cidadão Benemérito de Macau*, sob a chancela do Instituto Internacional de Macau, em 2008, e dele retiro o excerto de um artigo do professor Vitorino Nemésio, originariamente publicado no dia 15 de Novembro de 1955, no *Diário Insular*, de Angra do Heroísmo: ; A nós outros, que não temos nenhuma das respeitáveis inibições de situação e de cargo que nos limitariam à atitude protocolar e arquimedida diante de um prócere nacional e príncipe da Igreja, o que nos move e comove, ao falar do Senhor D. José da Costa Nunes, é o padre exemplar, o amigo longânime, o português de têmpera e, de tanta sacralidade e honraria, poder ficar chão e indulgente como quem nasceu e é. Interessa-nos o chefe espiritual que pôde, num homem de acção chamado a altos destinos, conservar a cordura da gente da ilha do Pico, o seu espírito de modéstia, de justiça e de valentia, a sua patriarcalidade nativa, generosa e robusta: o homem dos doze quilómetros a pé pelos trilhos asiáticos e europeus, tão diários como a missa matinal, o vigilante de colégios, descobridor de vo-

cações, tutor de meninos órfãos — e, por cima de tudo isto, homem do mundo sem o deixar de ser de Deus ;”.

Palavras sábias e verdadeiras.

Monsenhor Manuel Teixeira, admirador confesso da vida e obra de D. José da Costa Nunes, aponta uma falha que reputa de imperdoável: não ter escrito as suas Memórias ! Tinha carradas de razão.

Faleceu aos 96 anos de idade em Roma, a Cidade Eterna.

#### IV. José Maria Braga

Erudito e eclético investigador da história dos portugueses em Macau e no extremo-orient, José Maria Braga (1897-1988), assinava Jack Braga, prestou incontáveis serviços à cultura portuguesa e a Macau

Natural de Hong Kong, era um ; homem de grande estatura, olhos claros e brilhantes ;”, oriundo de uma família de pioneiros do estabelecimento da colónia britânica, onde o seu Pai tinha sido director do influente *Hong Kong Telegraph*, José Maria Braga gostaria de ter sido médico. A sua filha Maria Braga recorda esse passado: ; as lágrimas deslizaram-lhe pelo rosto abaixo e nunca mais se voltou a falar sobre isso. Tinha apenas 15 anos e tinha recebido há pouco os resultados do seu exame de aptidão — fora o melhor aluno em toda a colónia de Hong Kong. Os irmãos do Colégio de S. José vieram à sua residência e deram-lhe instruções para solicitar uma bolsa de estudo para ingressar na Escola Médica. O seu pai, o Ilustre J. P. Braga, chegou a casa e ordenou-lhe para não fazer o requerimento, porque se esperava que ele começasse a trabalhar e a ajudar a família. Depois de tudo, era o filho mais velho de uma família de 13 crianças ;”.

A família retorna a Macau no início dos anos vinte, e José Maria Braga ingressa no Seminário de S. José, na qualidade de Professor. Aqui leccionou Inglês, Literatura Inglesa e Inglês Comercial, durante vários anos, aos jovens macaenses que alimentaram a diáspora comercial em Hong Kong, Cantão, Xangai, Bangkok, Yokoama e Tokyo. Casou em Macau com Augusta Isabel Osório da Luz, em 1924.

A memória do Padre Manuel Teixeira é preciosa: ; quando chegamos a Macau em 1924, era ele um jovem professor de 28 anos no Seminário de S. José, onde ensinava Inglês e Literatura Inglesa. O único historiador

que então florescia era o Padre Régis Gervais, nosso professor de Francês, no mesmo Seminário onde leccionava Braga. Mas Gervais foi convidado pelo Governo Chinês para professor de literatura francesa na Universidade de Pequim, para onde partiu em 1925. Jack Braga, que já desde 1920 se interessava pela história de Macau, retomou a bandeira nas suas mãos e ergueu-a triunfante. Durante uma dezena de anos, foi ele o grande historiador desta terra, como o Padre Gervais desde 1916. Os seus trabalhos publicados em inglês tornaram Macau muito conhecido no estrangeiro. Havia outro grande historiador: era Montalto de Jesus, que já em 1902 publicara a sua obra magistral ‘Historic Macao’, que se esgotou rapidamente. Foi Jack Braga que o levou a publicar uma 2ª edição e tratou de todos os arranjos; mas, quando esta saiu em 1926, caiu o Carmo e a Trindade; o livro foi queimado junto ao Tanque do Mainato e o seu autor condenado pelo Tribunal, vindo a morrer na miséria. Ainda espera a sua reabilitação. Ficou de pé apenas Jack Braga ;”.

Colabora assiduamente na comunicação social deixando aí bem vinculados os seus interesses pela história, sobretudo pela história de Macau. Deixou artigos e estudos assinados no *Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*, no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, no *Boletim do Instituto Português de Hong Kong*, nos *Arquivos de Macau*, na revista *Renascimento*, no *Notícias de Macau*, no *Journal of Oriental Studies*, *The Macao Review* ou no *South China Morning Post*.

Dotado de uma infatigável curiosidade intelectual, como refere a sua filha Carolina Braga, ; dedicava a maior parte do seu tempo livre à pesquisa histórica, depois do seu trabalho como gerente da Watco, uma empresa de fornecimento de água da China para uso em Macau. Trabalhava também nas actividades de importação e exportação;”. Como consequência disso a sua obra é muito vasta, pelo que aponto alguns títulos: *Picturesque Macao*, 1926; *The Americans in Macao and South China*, 1930; *Early Medical Practice in Macao*, 1935; *A Biblioteca do Capitão C.R.Boxer*, 1938; *O Início da Imprensa em Macau*, 1938; *Os Alvores da Impressão Xilográfica em Macau*, 1941; *Os Tesouros do Colégio de São Paulo*, 1942; *China Landfall: Jorge Álvares voyage to China*, 1955; *Macao: a short handbook*, 1963; *A Voz do Passado*, 1964; *O Ensino da Língua Portuguesa em Hong Kong*, 1969.

Na apresentação da obra de seu Pai, José Pedro Braga, intitulada *The Portuguese in Hong Kong and China: their beginning, settlement and*

*progress during one hundred years*, publicada no volume XII (1978), do *Boletim do Instituto Luís de Camões*, de Macau, (243 páginas), José Maria Braga escreveu o seguinte: ; This is José Pedro Braga's book. Nay, it is his tribute to his race, the Portuguese in China. 'Our people', he called them. None better than he knew the latent worth of these people. None better than he could tell of all that was best in them. None better than he understood their frailties ;". Como se observa, o sentido da verdade está bem acima das emoções ou das conveniências.

Geoffrey Bonsall registou esta interessante particularidade para a história social e cultural de Macau: ; durante a guerra do Pacífico, J. Braga e Robert Ho Tung viviam em Macau. Jack contou-me que quando Sir Robert regressou a Hong Kong após o termo do conflito, foi ele que o convenceu a legar a casa onde vivera em Macau para instalar a Biblioteca Sir Robert Ho Tung ;".

Um outro aspecto é revelador da sua generosidade: ; estudiosos e escritores, como o versátil Austin Coates, utilizaram os seus livros e os seus conhecimentos. Muitos frequentaram a sua casa e consultaram a sua biblioteca no apartamento de Bonham Road onde a sua simpática mulher, Augusta, acolhia todos de bom grado ;".

A faceta de bibliófilo merece uma nota breve.

A sua biblioteca particular estava recheada de verdadeiras preciosidades, entre livros, colecções de jornais e revistas, manuscritos, mapas, cartas, gravuras, fotografias ou pinturas. Tudo amorosamente coleccionado ao longo dos anos, por vezes em sadia competição com Charles Boxer, de quem era grande amigo.

Em 1966, na ressaca do maoísmo radical, que em Macau ficou celebrizado no 1-2-3, que trouxe grande instabilidade social e política, todo esse enorme e valiosíssimo acervo foi disputado por universidades e bibliotecas nacionais de diversos países. Acabou por ser adquirido pela Biblioteca Nacional da Austrália, a terra da família da sua mãe.

Nasceu, assim, ; The Braga Collection in the National Library of Australia: The Portuguese in Asia and the Far East ;", cujo Catálogo é o retrato cultural de José Maria Braga, um espírito eclético e com interesses pluridimensionais.

Vale a pena folhear o Catálogo.

Entre tantos espécimes valiosos registo os seguintes: uma edição de 1489, da *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho; de Gabriel de Magalhães, a *New History of China*, de 1688; uma versão italiana, de 1682, do *Colóquio dos Simples* de Garcia de Orta.

Contam-se por centenas as monografias dedicadas à segunda guerra mundial, com especial ênfase sobre o expansionismo japonês.

A hemeroteca revela-se, também, muito importante: colecções de jornais de Macau (*Voz de Macau; Macao Tribune; Notícias de Macau; União; Renascimento*), jornais de Hong Kong (*Hong Kong Telegraph; South China Morning Post; Sunday Examiner*), jornais de Portugal (*Comércio do Porto; Diário de Notícias; O Primeiro de Janeiro; O Século*), e outros (*O Portuguez na China; Anglo-Lusitano; The Asian Student; The China Mail*).

Na colecção de pinturas, destaque para as obras de Smirnoff, Chinnery, Fausto Sampaio, Marciano Baptista, George West ou Charles Smith.

E ainda, mapas antigos de Portugal, Macau, Hong Kong, Cantão, Nanquim e Pequim.

Todo este manancial de informações é importante demais para ficar esquecido, subaproveitado ou para fazer esquecer o seu patrono.

No orbitário que lhe dedicou o jornal de Hong Kong, *South China Morning Post*, são mencionadas algumas acções e facetas virtualmente desconhecidas: ; enquanto esteve em Macau, J. Braga foi conselheiro não-oficial de vários governadores, especialmente no tocante às relações entre os governos de Macau e de Hong Kong. Foi correspondente da *Reuters* e do *South China Morning Post*. É pouco conhecido o trabalho de J. Braga em prol dos Aliados durante a Guerra do Pacífico. Ele foi, em Macau, o oficial de ligação entre vários grupos dos Serviços Secretos, incluindo o do Governo chinês e o grupo de apoio ao Exército britânico. Foi ele quem organizou o correio clandestino que transportava mensagens vitais entre Hong Kong, Macau, Chung King e as estações radiofónicas dos Aliados instaladas atrás das linhas japonesas na China<sup>17</sup>. Uma fascinante história para ser esmiuçada com tempo.

Bem andou o governo de Macau, em 1993, através do Instituto Cultural de Macau, do Arquivo Histórico e da Biblioteca Central, ao promover uma homenagem a José Maria Braga, consubstanciada numa exposi-

ção biobibliográfica que esteve patente na Biblioteca do Leal Senado. Mas fica a sensação de que não terá feito tudo o que podia ou devia em tempo útil, sobretudo no plano simbólico. É, pois, inevitável a comparação com tudo quanto foi dispensado, e muito bem, a Charles Boxer.

José Maria Braga era académico correspondente, desde 1965, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa. A coroa britânica condecorou-o em 1950, com o título de ‘Chevalier of the Order of Saint James of the Sward’. O governo português, a título póstumo, concedeu-lhe o título de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

## V. José dos Santos Ferreira

A José dos Santos Ferreira (1919-1993), Adé, para os amigos, coube a arte, o engenho e a glória de comemorar literariamente a alma macaense através da cultura do ‘papiá cristám di Macau’. Dizia que ‘não quiseram os macaístas puros daqueles tempos comunicar entre si em chinês ou noutra língua e como também não houvesse quem lhes ensinasse o idioma pátrio, é bem de crer que muito se esforçassem por manter regras próprias que lhes permitissem regular a sua linguagem falada e escrita, conservando-as através dos anos, sem dúvida, por entre dificuldades, até ao aparecimento dos primeiros mestres que lhes começaram a ensinar a língua portuguesa com boa gramática e pronúncia correcta’.

De um modo simples e directo, Adé aponta essa lacuna que existiu ao longo de gerações, a ausência de uma estrutura escolar, de ensino e de difusão da língua portuguesa. Os clérigos regentes e os primeiros mestres régios já se queixavam da penúria do ensino oficial e a pedagogia da cultura e da língua disseminada pelo Seminário de S. José não chegava, evidentemente, a todos.

Quanto ao resto, e que não era de somenos, ele fez o seu trabalho de casa, publicando em edição de autor, em 1978, *Papiá Cristám di Macau: Epítome de Gramática Comparada e Vocabulário. Dialecto Macaense*.

Contudo, sem ‘torá português’, que significava exactamente uma ‘pessoa que se esmera em falar correctamente o português, com pronúncia afectada’.

Vale a pena fruir esta quadra retirada do livro *Jardim Abençoado*:

Macau sã casa cristám

Qui Portugal já ergui;

Tudo gente vivo aqui

Têm fé na su coraçám.

Espreitam os valores éticos e morais por esta frincha estética, fazendo-nos lembrar, subtilmente, o peso específico da cultura católica, apostólica e cristá em toda a história desta cidade-estado, sem esquecer a modelação da pessoa e a valoração da alteridade.

Na apresentação do enredo camiliano da *História de Maria e Alferes João*, Adé salienta esta constelação de valores: ; Terra de sonhos da nossa infância despreocupada, Macau, toda ela bondade e beleza, é o orgulho de tantas e tão nobres gerações de lealíssimos macaenses, toda a vida ciosos da sua nacionalidade portuguesa. Dizer coisas no dialecto antigo desta grei privilegiada de continuar Macau, dignificando Portugal, e exaltar Portugal, amando Macau, leva-nos a amar ainda mais esta santa terrinha;”.

O toque de graça e de humor, também não perde pela demora:

O nosso grande mestre Camões

Se vivo fosse e a Macau viesse,

Ao ver esta versejadura eufórica

Na pena de tantos poetas,

Era capaz de abrir o olho cego

Para ver se isto aqui é realmente Macau.

Na pequena peça teatral *Chico Vai Escola*, poderemos notar a persistência desse velho problema escolar, que se transformou, afinal, numa oportunidade para se inventar e recriar uma língua particular de afectos e de sigilos, de orgulho e de afirmação, suficientemente opaca em relação ao português e suficientemente ativa em relação ao cantonense.

Foi a palavra a separar o que o sangue uniu.

O trabalho de Adé foi simplesmente fabuloso, há que dizê-lo e que reconhecê-lo. Ajudou a dar solidez a esse linguajar nebuloso e sincrético, não só com a utensilhagem conceptual que criou, a gramática e o vocabulário, por exemplo, mas sobretudo com a criação literária e com a revisitação evocativa dos ambientes familiares e dos mitos urbanos. Impediu-se desse modo o vazio nihilista ao mesmo tempo que a comunidade ganhava uma densidade ontológica com essa língua de comunicação, esmagada por um destino que não merecia.

Reviver é reinventar a língua, com o sangue novo a circular nas veias artérias da memória, irrigando um passado que assim se faz presente.

Graciete Batalha fará, depois, estudos magistrais sobre o dialecto macaense.

No vocabulário macaense encontramos a palavra ; Bicha;”, (uma palavra humilde com uma tão infeliz conotação, ontem como hoje), com um sentido tributário de uma antropologia cultural regional, e ainda com uma fantástica ressonância cultural e cognitiva, que nos escapa sem esta mediação: ; nome que se dá à rapariga chinesa que, outrora, era vendida ou dada pelos pais a outrem e que vivia em absoluta sujeição à pessoa que a recebeu;”. E continua com esta história deliciosamente insólita: ; Bicha no dialecto macaense, dado o seu significado, pode ser tomado como termo depreciativo. A propósito se recorda o incidente, que dizem ter passado em Lisboa, entre uma senhora macaense de Xangai e um polícia lisboeta. Estava a senhora à espera do autocarro, mas fora da bicha, tentando passar à frente dos outros. Nisto, passa o polícia, que lhe diz: ‘Bicha, senhora ! Bicha!’. E a senhora, imaginando-se insultada, respondeu, toda indignada: ‘Iou bicha ? Vós chomá iou bicha ? Vós bicho!’ ;.

Figura benquista na comunidade, José dos Santos Ferreira foi Chefe da Secretaria do Liceu de Macau, presidiu ao Conselho Provincial de Educação Física e pertenceu aos corpos gerentes da Santa Casa da Misericórdia, do Hoquei Clube de Macau, da Associação de Futebol de Macau ou do Rotary Clube.

Recebeu a comenda da Ordem do Infante D. Henrique e a Medalha de Mérito Cultural, do Governo de Macau. Há uma estátua de José dos Santos Ferreira num jardim público, o que significa o reconhecimento da

comunidade pelas suas qualidades intelectuais e criativas, éticas e cívicas ao serviço da identidade cultural de Macau.

No livro *Qui-Nova, Chencho*, prefaciado por José Silveira Machado e com ilustrações de Leonel Barros, vamos encontrar, nas palavras do autor, a história da alma macaense:

Vós sã, Macau, jardim di Portugal,

N'estunga vanda di mundo semeado,

Como vós, non-tém ôtro más lial !

Deixou colaboração assinada na imprensa do Território e participou em inúmeras peças de teatro, recitais, operetas e programas radiofónicos, valorizando o 'papiá cristám di Macau'.

Registo a sua bibliografia principal: *Escandinávia, Região de Encantos Mil*(1960), *Macau sa Assi* (1968), *Bilhar e Caridade* (1982), *Camões, Grândi na Naçám* (1982), *Poéma di Macau* (1983), *História de Maria e Alfêres João* (1987), ou *Poéma na Lingu Maquista* (1992).

Sob a direcção de José Silveira Machado, a Fundação Macau publicou as Obras Completas de José dos Santos Ferreira, garantindo, deste modo, a salvaguarda deste importante legado cultural doravante acessível a todos.

